



CAFIERO, Carlota. Paisagens imaginárias de Biojone: artista campineiro volta a expor suas "Marinhas", desta vez, em Joaquim Egídio. Correio Popular, Campinas, 21 jul., 2001.

ARTISTA CAMPINEIRO
VOLTA A EXPOR
SUAS
'MARINHAS',
DESTA VEZ, EM
JOAQUIM EGÍDIO

CARLOTA CAFIERO
Do Correio Popular
carlota@cpopular.com.br

As paisagens imaginárias de Francisco Biojone se voltam, mais uma vez, aos olhares do público. Hoje, a partir das 16h, será aberta a exposição intitulada *Marinhas*, na Galeria Joaquim Egídio, onde fica até 26 de agosto. O mar é presença constante nessa série, que mais sugere que explicita as formas, cores e temas.

Marinhas são as obras mais recentes do pintor. Começaram a ser desenvolvidas no ano passado e já integraram algumas mostras. As pinceladas fortes, carregadas de tinta a óleo dão a sensação de movimento à pintura. A ausência de linhas que delimitem as formas, faz com que o horizonte se misture com a paisagem. Em *Marinhas*, são as cores que definem o espaço, geralmente em cor cinza, branco ou levemente azul, o céu toma quase toda a tela.

Nascido em 1934, em Campinas, Biojone é um dos nomes mais importantes da pintura brasileira. Iniciou-se ainda criança, dentro da arte acadêmica. Porém, desde cedo, era desobediente às regras da pintura tradicional, o que o possibilitou a descoberta de uma forma particular de expressão. Passeou pelo abstrato, mas o figurativo, contudo, sempre retorna às suas pinturas. A série *Marinhas*, para um olhar mais desatento, pode até ser abstrata. Mas, aos poucos, a paisagem vai surgindo da tela.

Nome reconhecido na França e no Japão, Biojone integrou o Grupo Vanguarda (1958-1966), de Campinas, fundado pelo artista plástico Edoardo Belgrado. O grupo foi responsável pela renovação da pintura campineira. Atentos às novas tendências, como o abstracionismo, vindas do Rio de Janeiro, os onze artistas que compunham o Vanguarda deram início à pintura contemporânea na cidade.

As premiações recebidas no Rio de Janeiro pelo Grupo Vanguarda, resultaram na construção do Macc (Museu de Arte Contemporânea de Campinas) e das galerias do Centro de Convivência Cultural. "Além inserir a pintura contemporânea na cidade, o grupo ajudou a abrir a cabeça do público, pois participava de movimentos de vanguarda do Brasil inteiro", lembra Biojone.

A primeira coletiva do pintor se deu em 1960, em um salão de artes de Curitiba, onde conquistou o prêmio de melhor pintura. Exposições no exterior também engrossam o currículo do artista. "Expus três vezes em Paris", conta. Desde o Grupo Vanguarda, Biojone ficou por muito tempo na pintura abstrata. "Resolvi retomar alguns temas figurativos, saindo aos poucos do abstracionismo. A natureza sempre inspirou minhas paisagens, mas, agora, eu faço releituras da natureza", completa.

MARINHAS - ABERTURA HOJE, ÀS 16H. DE QUARTA A DOMINGO, DAS 14H ÀS 18H, NA GALERIA JOAQUIM EGÍDIO, DA SUB-PREFEITURA DE JOAQUIM EGÍDIO (RUA JOSÉ INÁCIO, 14). ATÉ 26/8.



Francisco Biojone: sugestão do mar é presença constante na série